

RelevO

julho/2021, n. 11, a.11

- Periódico literário independente
- feito em Curitiba-PR desde set/2010
- ISSN 2525-2704



Assine/Anuncie: O **RelevO**

não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em jornalrelevo.com/assine e jornalrelevo.com/anuncie ou fale conosco no contato@jornalrelevo.com.

Publique: O **RelevO** recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos. O **RelevO** recebe ilustrações. O **RelevO** recebe fotografias. O **RelevO** aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em jornalrelevo.com/publique.

Newsletter: Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos: nossa newsletter se chama Enclave e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em jornalrelevo.com/enclave.

As ilustrações desta edição são de autoria de Fabio Abreu. Você pode conferir mais do trabalho dele em [<flickr.com/photos/fabio_nada/>](https://www.flickr.com/photos/fabio_nada/).

DOS CUSTOS DA VIDA**(+) RECEITA BRUTA****ASSINANTES:**

R\$ 120 Daniel Koganas; Fernanda Schimanski Bernardes; R\$ 105 Allan Fenelon; Maurício Simionato; Yuri Ferreira; R\$ 100 Josiane Bibas; José Carlos Fernandes; Guilherme Gontijo Flores; Otavio Linhares; João Henrique Balbinot; Klaus Pettinger; Ana Lúcia Vasconcelos; Lia D'Assis; Lucas Laranjeira; Cymara Scremin; Victor Simião; Cellina Muniz; Matheus Guménin Barreto; Alexandra Vieira de Almeida; R\$ 90 Maurício Simionato; R\$ 80 Gustavo Martins R\$ 75 Sérgio Aral; Márcio Abecê; R\$ 70 Nara Caldeira; R\$ 60 Paula Vaz Teixeira; Robson Vilalba; Ana Priscila; Elias Ribeiro; Breno Deffanti; Eliss de Castro; Celia Regina Celli; Diogo Richter; Anônimo; Luiz Antonio Guimarães Canello; Renata Vivacqua; Laura Bregenski Schuhli; Thiago Braga; Murilo Blum Alison; Afonso Gonçalves; Giovanna Menezes Faria; Nélio Santos; Daniel Batista de Siqueira; Christian Schwartz; Murillo H. Castex; Julia Guarilha; Ades Nascimento; André Henrique Mendes Viana; Fabiane Ayres; Ricardo de Bastos Cambraia; Carina Lessa; Antonio C. Senkovski; Rafael Ottati; Silvia Araújo; Ramon Ferreira Santana; Fernanda Celuppi; Iata Anderson; Eduardo Pereira de Souza; Giovana Proença; Vinicius Bopprê; Luísa Guimarães; Rodrigo Domit; Rener Gustavo da Silva Souza; Yara Fernandes Souza; Paulo Lannes; Ana Clara de Britto Guimarães; Rafael dos Santos Pereira; Tere Tavares; Diêgo Laurentino; Elza de Oliveira Filha; Mariana Paim; R\$ 57 Ana Lucia Capabianco Gutierrez; Maria Clara Lima e Silva; Alexandre Carlos Moreira; R\$ 55 Rosângela Do Carmo; R\$ 50 Edson Carvalho Alencar; Gustavo Piqueira; R\$ 47 Talita Freire; R\$ 40 Hugo Giazzi; R\$ 30 Diego Moraes; Matheus Zucato Robert; R\$ 15 Denis de Almeida; R\$ 10 Patrícia Gimenez

TOTAL: R\$ 5.513**ANUNCIANTES:**

R\$ 600 Allejo; R\$ 250 Felipe Gomes; R\$ 120 O Alienígena; R\$ 100 Felipe Moreira; Eduardo Ezus; Elisa Pereira; Flávio Sanso; R\$ 50 Rômulo Cardoso; Banca Tatuí; Gato Preto Livros

TOTAL: R\$ 1.530**(-) CUSTOS FIXOS**

Gráfica: R\$ 1.000
Escritório: R\$ 260
Embalagem: R\$ 120
Embaladora: R\$ 60
Autores e ilustradores junho: R\$ 580
Autores e ilustradores retroativo: R\$ 240
Editor: R\$ 1.200
Editor-assistente: R\$ 300
Serviços editoriais: R\$ 400
Mídias sociais: R\$ 250
Diagramação: R\$ 160
Infografia: R\$ 60

(-) DESPESAS VARIÁVEIS

Transporte: R\$ 500
Correios: R\$ 1.785

(-) DESPESAS ADMINISTRATIVAS

Domínio mensal: R\$ 30

(+) Entradas totais: R\$ 7.043

(-) Saídas totais: R\$ 7.035

(=) Resultado operacional: **R\$ 8**

Julho/2021

Editor: Daniel Zanella
Editor-assistente: Mateus Ribeirete
Ombudsman: Osny Tavares
Revisão: Às Vezes
Projeto gráfico: André
Infografia: Bolívar Escobar
Advogado: Bruno Meirinho
OAB/PR 48.641
Impressão: Gráfica Exceuni
Tiragem: 3.000

Edição finalizada em 30 de junho de 2021.

CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Guarnieri
Bruno Meirinho
Celso Martini
Cezar Tridapalli
Morgana Rech
Felipe Harmata
Jacqueline Carteri
Osny Tavares
Whisner Fraga

CICLOS

Mayara Blasi Oi, tenho recebido as edições, tá tudo ok, nunca sei que dia chegam, mas elas chegam. Vivo normalmente até elas chegarem, não sei mesmo se elas atrasam.

Isadora Maria Gostaria de dizer que o texto “Propostas de meta-análise do naming dos principais programas de auditório da televisão brasileira” é o texto mais cômico que eu já li. E acredito que, se enviassem esse texto para o Rogério Skylab, ele poderia compor algo. Bolívar Escobar, encare como um elogio! (:

Talita Galindo Eu demorei pra ler o jornal, porque a vida, aqui, é uma eterna pia de louça suja dentro de um episódio do Homem-Aranha. Parabéns pelo trabalho cuidadoso. Infelizmente, ainda não consigo colaborar financeiramente para a sua manutenção. Mas tentarei enviar alguns textos. Se um dia rolar, eu troco por uma assinatura anual, kkk. Abraços e perdão.

Klaus Pettinger O ano está complicado, mesmo. No meu caso, sou pai há dois meses e o encolhimento do orçamento é diretamente proporcional ao crescimento do picorrucho :D Ainda assim, vou colaborar, porque é uma forma que encontrei de apoiar nosso combalido Jornalismo, de forma efetiva. Muito obrigado e parabéns pelo trabalho, pela persistência e pelo amor à causa. Vocês desempenham uma espécie raríssima de Jornalismo (com J maiúsculo), o que tem seu preço, mas jamais será esquecido. Forte abraço a todos!

DIBRE

Henri Agaquê Fala, pessoal! Beleza? Recebi ontem via Correios (blargh!) as edições de maio e junho. Escrevo para pedir que mandem a de abril, que não chegou. Sofro de colecionismo, então a edição de abril deve ter sido a melhor de todos os tempos, justamente porque a não tenho. Um abraço e inté!

UPDATE

Henri Agaquê Opa! Chegou aqui outro pacote (com cartão de visita e ímã de geladeira inclusos! Valeu!) com o exemplar que faltava. Tá tudo certo, agora. Um abraço!

Performance: queimar dinheiro [Enclave #92]

Ademir Demarchi Caros, esta edição da **Enclave** está ducaralho. Primeiro porque vocês me deram a dica desses malucos que queimaram um milhão e digo isso porque

estou reunindo conteúdo sobre arte e dinheiro pra escrever um ensaio qualquer hora. Segundo porque lembrar Dreyer é sempre necessário — já escrevi um ensaio sobre ele, reunido em meu livro de ensaios *Espantinhos* e cheguei, em seguida, a escrever outro sobre as diversas Joanas D'Arcs no cinema (até Godard!). E, ah, a historinha do maluco da bolsa de valores está impagável. Abraços!

COVID NO EDITOR DOS OUTROS

Paulo Parucker Caros, primeiramente, Fora Bozo e todos os defenestráveis. Em segundo lugar, e o que, de fato, importa, que bom saber que o editor do Jornal já está em recuperação da Covid-19. Torço para que o processo seja breve e integral, e que você retome as atividades com ainda mais gana e energia. A cultura haverá de agradecê-lo (mas, se não o fizer, liga não, siga em frente mandando ver, que seu trabalho é super importante, independentemente de reconhecimentos). Bola pra frente, meu caro. Melhoras pra você, pro jornal, pro país e, vá lá, pro mundo (é utopia que chama?). Abraço.

Raquel Naveira Parabéns pelo trabalho e persistência, Daniel. Desejo-lhe saúde, força e realizações literárias. Abraço grande!

Taisy Oliveira Bom dia! Vamos vivendo a vida, da maneira que dá, e questões passam despercebidas. Esta carta, por exemplo. Vamos assinando jornal, comprando a ração do dog, fazendo segunda via do RG e nem sabemos quem está por trás do trabalho todo. Mas é trabalho, abstrato e concreto! Espero que tenha melhorado. Se tudo der certo, tomarei minha primeira dose da vacina nesta semana! (Os trabalhadores da educação — tão vilipendiados — precisamos voltar, haja o que houver) Que a vacina chegue logo para todos! Fiquem bem por aí :)

Caê Tomita Vai passar, meu nobre! Desejo-te uma ótima recuperação! As folhas em branco, virtuais ou não, juntamente com a tinta ou tecla, te aguardarão. Assim como nós, teus leitores e seguidores, também te aguardaremos, irmão! Melhoras!

Melissa Schaikoski Só o amor! Torcendo pela sua recuperação.

Eliss de Castro O ultramais Relevante é tua saúde!

Fernanda Eméri Celuppi Eu amo os animais. Os gatos são muito companheiros, principalmente no frio. Melhoras por aí!

Patricia Gimenez Vivemos dias muito tristes, muitas perdas e muita confusão. Precisamos mais do que nunca da Arte. Quase lá, editor!

Cilene Tanaka Faz a Covid-19 ficar com medo de você, Dani. Mostra quem manda! ♥ Melhoras aí, cara!

NO PAPEL (E ERRADO)

Eduardo Ezus Na edição de junho do **RelevO**, saiu um pouco sobre o *Terça Diminuta*. Em vias de fechar a edição, sobretudo no presente escatológico, um poema ficou incompleto. Foi intencional, para instigar o leitor a saber o desfecho, como num romance policial? Jogada de Marquetingue? Foi não... "Qualquer coisa, a culpa foi do revisor". Mas aqui deixo completo o poema:

Nu mar
O corpo fala tudo
Ou nada

Maria Fernanda Elias Maglio O **RelevO** é um jornal literário excelente, que eu assino já há algum tempo. Sou fã do jornal e por isso é uma honra ter um conto meu publicado por eles.

Tere Tavares Sou muito fã também.

Cel Bentin Bah, que massa! Admiro o projeto e é uma delícia ver gente que admiramos atuando junto.

Diêgo Laurentino Um poema meu, “Ondas”, saiu na edição de maio do **RelevO**, um periódico literário independente de Curitiba que, se você não conhece, vale a pena conferir. Já são mais de dez anos publicando escritores de todos os tipos e gêneros. Tudo envolvido por um humor sagaz muito próprio, que só vendo pra entender. Dá pra acessar a versão digital da edição de maio e anteriores no site do jornal, de graça.

Deko Lipe Que jornal maravilhoso! Achei a iniciativa muito incrível e inovadora. Muito bom conhecer. Vou no site saber mais. Valeu a indicação.

Sinéia Rangel Não conhecia, mas achei tão linda a composição de textos e ilustrações.

Feh | Mil e uma Histórias Que lindo o jornal, eu não conhecia, mas achei muito legal a ideia, faz tempo que não pego jornal, e um literário é uma proposta muito boa.

Bárbara Martins Que incrível! Não conheço ainda o jornal, acho a ideia fantástica! Adorei que tem como conferir nas versões on-line, já vou agora mesmo procurar!

Marcinha Que maravilha. Adorei. Acho digno e taaaao chique. Um jornal literário de qualidade e delicadeza. Com certeza, irei espisar.

Estante da Bel Maravilhosa a proposta do jornal, ainda mais por ser um literário. Faz anos que não pego um jornal, viu?, a última vez que peguei foi para fazer um trabalho da escola e isso faz bastante tempo. Fiquei feliz em saber da existência desse.

Wesley Que delícia! Dá pra notar como esse jornal é único e tão belo. Achei o pacote muito bom, principalmente devido à experiência de receber uma coisa bela assim em casa, com textos tão bons.

Dani Loucuras de uma leitora Eu não conhecia e nem imaginava que teria algo assim [um jornal de literatura impresso]. E achei incrível eles disponibilizarem as edições no site.

GRUNGE

Andressa Novaes Eu acho um desperdício de papel as centrais do jornal. Não sei quantos anos têm os editores, mas certamente não são jovens. Não vejo graça nenhuma.

Da redação: Não somos jovens.

AÍ NÃO!

Diana Joucovski Melhoras, vascaíno!

Fernanda Dante Não vá passar Covid para o miau. Melhoras para você e o **RelevO**.

Walter Alfredo Bach O que aconteceu com o editor-maloteiro-mala? E esse gato, não ajuda na distribuição?

Lucas Grosso Assinar o **RelevO** foi uma ótima decisão.

DIVIDINDO LEITURAS

Melissa Schaikoski Preciso comentar aqui e agora antes que eu me esqueça, como sempre, a maneira que alguns escritos mexem comigo. Hoje foi o conto "Rose Stuart" dessa edição. Que conto lindo, apesar de mórbido e tão intrigante. Parabéns à autora! E o poema de Alexander Wat, especialmente a parte III, sobre a noite que nada diz e tem

a boca cerrada com gesso e o dia, tão tagarela. Que delícia de ler isso, como se a gente já tivesse constatado isso num nível emocional e, quando vê escrito, reconhece e vibra igual. Parabéns!

Laura Rubianes Chegou! Finalmente. Amei o Relief.

Mauro Rego Fico sabendo que existe um periódico com mais de dez anos chamado **RelevO**, dedicado à literatura e às suas conexões! E que jornal! Para tentar compensar este atraso, torno pública essa lacuna, que agora tento superar. Boas leituras!

OPA

Italo Santa-Cruz O Jornal chegou aqui hoje! *Gratias vobis dabo*.

Alessandra Baracho Chegou atrasadíssimo, mas chegou o jornal. Gratidão enorme. Adorando cada coluna, cada texto minuciosamente escolhido.

Yasmin Wachholz Dá até alegria ir até o portão pra receber o Jornal.

Sandra Modesto Capa da edição de junho do Jornal por Iara Amaral. O melhor conteúdo LITERÁRIO. Já assinaram? Recomendo.

BRAZILLIANCE

Maria Catarina Correa Gestinari

Queria contar que, graças ao Jornal, agora faço parte do Brazilliance, traduzindo as letras originais das músicas para o inglês. Conheci o site por meio da **Enclave**, e depois, quando em algum momento da entrevista Andreas Dünnewald mencionou que seria uma boa ter as letras disponíveis em inglês, tive a ideia (sou formada em tradução). Entrei em contato com ele, que topou na hora. Enfim, está sendo uma experiência muito legal e queria compartilhar com vocês!

EDITORIAL

Um abraço pra Covid-19

Todos que conseguem usar a latrina como destino final de suas necessidades básicas ao invés de alimento sabem: a Covid-19, no Brasil, é um vírus e uma estratégia. O que podemos dizer a você, que nos lê em julho de 2021, que você não tenha lido antes? Qual sentimento negativo pelo Brasil você não teve? Já sabemos desde o primeiro mês da pandemia: o Brasil é uma sequela de si. Se você ler o jornal em setembro, provavelmente as coisas não estarão muito diferentes.

O máximo que podemos acrescentar diz respeito ao plano pessoal: o editor do Jornal, pois, teve Covid-19. Não morreu ou chegou perto disso. E o que significou pegar Covid-19 no Brasil no tempo histórico de junho de 2021? Enquanto morriam duas mil pessoas por dia, enquanto morriam duas mil pessoas por dia de uma doença que tem vacina, enquanto morriam duas mil pessoas por dia de uma doença que tem vacina e nada muda, o editor do Jornal teve *apenas* uma sinusite viral, que obstruiu as vias respiratórias, 11 dias de febre, dores de cabeça constantes, taquicardia, quatro dias seguidos sem dormir e perdeu nove quilos — e os sintomas podem ser considerados moderados. O arraso psicológico não é mensurável.

Para alguns, a doença representa aprendizado, superação, autoconhecimento, esperança em dias melhores, gratidão. Para outros, mais dados ao racionalismo cínico, estar doente de algo para o qual existe vacina é como ter nascido no avesso do mundo, é sentir-se em uma forma eficaz de morticínio, é pensar “qual o sentido de existir nesta espelunca de 500 anos e tanto?”.

E, então, aqui estamos, em julho, como uma estatística que não deu certo, sangrando pouco, tossindo de modo crônico, cansando menos a cada dia. Em um dos piores dias de febre, sem capacidade de ler, escrever, assistir a um filme, jogar gamão ou qualquer atividade lúdica com animais de pequeno porte, encontrei um certo alento na 13ª Carta de São Paulo aos Coríntios, decorada na versão da Editora Paulus. Foi também uma estratégia: afinal, também tive uma estratégia para diminuir as palpitações e não precarizar a oxigenação, que ameaçava diminuir. Deixo a você a carta na íntegra, sem mais. Uma boa leitura a todos.

CAPÍTULO 13

Acima de tudo o amor

Ainda que eu falasse línguas, as dos homens e dos anjos,
se eu não tivesse o amor,
seria como sino ruidoso
ou como címbalo estridente.

Ainda que eu tivesse o dom da profecia,
o conhecimento de todos os mistérios
e de toda a ciência;
ainda que eu tivesse toda a fé,
a ponto de transportar montanhas,
se não tivesse o amor,
eu não seria nada.

Ainda que eu distribuísse
todos os meus bens aos famintos,
ainda que entregasse
o meu corpo às chamas,
se não tivesse o amor,
nada disso me adiantaria.

O amor é paciente,
o amor é prestativo;
não é invejoso, não se ostenta,
não se incha de orgulho.

Nada faz de inconveniente,
não procura seu próprio interesse,
não se irrita, não guarda rancor.

Não se alegra com a injustiça,
mas se regozija com a verdade.

Tudo desculpa, tudo crê,
tudo espera, tudo suporta.

O amor jamais passará.
As profecias desaparecerão,
as línguas cessarão,
a ciência também desaparecerá.

Pois o nosso conhecimento é limitado;
limitada é também a nossa profecia.

Mas, quando vier a perfeição,
desaparecerá o que é limitado.

Quando eu era criança,
falava como criança,
pensava como criança,
raciocinava como criança.
Depois que me tornei adulto,
deixei o que era próprio de criança.

Agora vemos como em espelho
e de maneira confusa;
mas depois veremos face a face.
Agora o meu conhecimento é limitado,
mas depois conhecerei
como sou conhecido.

Agora, portanto, permanecem
estas três coisas:
a fé, a esperança e o amor.
A maior delas, porém, é o amor.

Osny Tavares

Achados na tradução

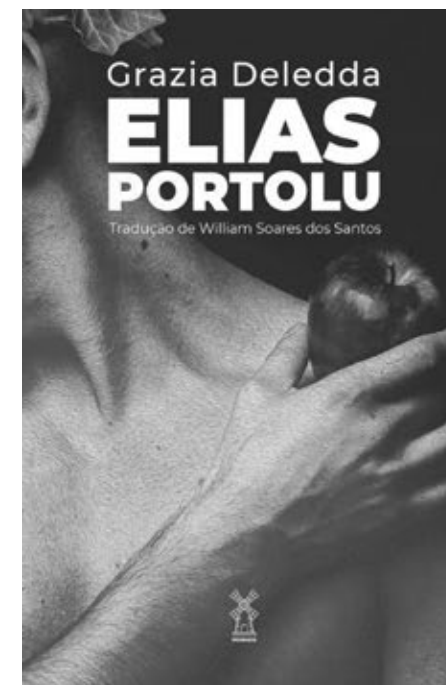
Faz alguns anos que o **RelevO** encontrou um nicho interessante na tradução de obras e autores inéditos. A cada mês, o jornal traz uma boa coletânea de poemas, contos e outras peças, geralmente acompanhadas do original e de uma apresentação. Assim, acrescenta uma utilidade própria do veículo periódico: receber e divulgar uma literatura que, embora chancelada em outros DDIs, ainda não encontrou gancho para a publicação em livro pelo mercado editorial convencional.

A edição de junho, por exemplo, publicou poemas do polonês Aleksander Wat, traduzidos por Piotr Kilanowski e apresentados por Fernanda Dante. A escolha chama a atenção para um interessante fenômeno de localização. É desnecessário situar a região de Curitiba em geral — e a cidade de Araucária, em particular — como centro de irradiação da cultura polonesa no Brasil, além de QG do Jornal.

Antes mesmo do célebre poeta bigodudo, a comunidade de imigrantes e descendentes da Polônia têm mantido e dissipado a cultura do país de origem. Basta citar o sucesso da poesia de Wisława Szymborska por aqui. Publicada pela primeira vez em 2011, com tradução da professora Regina Przybycien, da Universidade Federal do Paraná (UFPR), a vencedora do Nobel de Literatura em 1996 consolidou seu nome entre os leitores de versos daqui.

Universalizar é localizar. Que, cada vez mais, o **RelevO** tenha a felicidade de identificar e irradiar esse tipo de fenômeno. E que, a partir da Colônia Thomaz Coelho, Nossa Senhora de Czestochowa possa estender suas bênçãos sobre a saúde financeira e intelectual do jornal.

APOIADORES



A narrativa de Elias Portolu se passa na Sardenha e é um dos livros mais intrigantes de Grazia Deledda, uma das poucas mulheres a ter sido agraciada com o Nobel de Literatura. O livro narra a história de Elias Portolu, que havia sido preso por pequenos furtos. Ao voltar para casa, é acolhido pela família, com a mãe, em particular, esperançosa de que a prisão lhe tenha ensinado uma lição. Durante sua ausência, seu irmão mais velho, Pietro, ficou noivo de Maddalena, que Elias nunca conheceu. Mas quando Elias conhece Maddalena, eles se apaixonam imediatamente um pelo outro. O resto do livro trata das consequências dessa amor. Pode parecer um simples romance, mas a escrita de Deledda, cheia de tensões, faz com que os leitores virem as páginas incessantemente desejando saber o que vai acontecer. Com tradução de William Soares dos Santos, que esteve na final do Jabuti de 2020, com outro livro de Deledda, *A cidade do vento*, *Elias Portolu* é o segundo livro da autora na Editora Moinhos.

www.editoramoinhos.com.br



À venda no site: www.editorapatua.com.br

ALMA NA CASA SOZINHA

Felipe Gomes

O poeta Felipe Gomes nasceu em 1984 na cidade do Rio de Janeiro, onde vive. Formou-se na UERJ: graduação em Letras, especialização e mestrado em Literatura Brasileira. É professor de Língua Portuguesa na Rede Pública Municipal de Ensino. Tem poemas publicados em diversos periódicos literários. *Alma na casa sozinha* (Editora Patuá, 2020) é seu livro de estreia.

"(...) há uma brutalidade jardim do desejo homoerótico perpassando vários poemas. Gosto muito da maneira como o senso de lugar, de Rio de Janeiro, se dá, sua verve de poeta cronista me seduz. Seus poemas são composições de anotações nervosas, com sentido de urgência. A poesia salta de frase a frase, numa sarabanda de deslocções. É a *sua* linguagem."

Italo Moriconi


PATUÁ
EDITORA

Felipe Gomes

 @f.a.g._

Encontro em família

Maria Clara Lima e Silva

Quando Sabrina11 sugeriu o encontro no cinema, ele pensou que ela só estava seguindo o protocolo de segurança para encontros marcados por aplicativo. Logo que ele vencesse as defesas dela, esperava dar seguimento à transação em um lugar mais conveniente. Mas a morena da foto do perfil, passo firme, cabelo alisado até a cintura, apareceu na fila da bilheteria segurando uma criança em cada mão, um menino e uma menina que eram a cópia da mulher, exceto pelos dentes de leite na boca.

— A creche não funciona no fim de semana — ela justificou, sem tom de desculpa, como se fosse muito natural transformar a foda que ele tinha programado a semana inteira no jardim de infância.

Ele mal cuidava dos próprios filhos e não pretendia ser babá do filho dos outros. Entreabriu os lábios para proferir o discurso de retirada, acabava de se lembrar de um compromisso inadiável etc., quando ela fez um sonzinho esquisito com a garganta. Um barulho discreto, gutural, como quem espanta uma alergia na laringe, tão rápido quanto a primeira gozada que ele teve na vida, numa punheta batida às pressas no banheiro da escola, média de três segundos.

Ligeiro, porém significativo.

Engoliu o pretexto que quase escapou da ponta da língua. Ponderou. Baixou os olhos nos moleques, o menino escondido atrás da perna da mãe, a menina engraçadinha, brincando de escorregar a sandália no piso de cerâmica. Então voltou a inspecionar Sabrina11. No total e ao vivo, ela nem impressionava tanto

assim, tendo parido dois e tudo mais. Não fosse aquela coçada de garganta...

Como se adivinhasse que ele precisava ser convencido, ela fez de novo, caprichado, não chegou a abrir a boca, o ruído saiu do meio do pescoço. Ele se concentrou na vibração da garganta dela, lembrou aquela punheta adolescente roubada no recreio da escola, no tempo em que ele ainda tinha todos os cabelos na cabeça e qualquer roçada na bunda das colegas, na fila da cantina, bastava para deixá-lo duro.

Rendeu-se à reunião em família. Entraram os quatro na sessão de *Lego Batman*.

O ar-condicionado central trabalhava inclemente, mantinha a sala gelada, seca, a inimiga perfeita das vias aéreas, a vilã implacável das inflamações de garganta. Antes de o Lego Coringa aparecer na tela de vinte metros de extensão, Sabrina11 já tinha limpado a laringe cinco vezes. O que somava quinze segundos da zoadinha que o remetia aos tempos de juventude, à época de despreocupação e inocência, sim, inocência, pois ele foi um adolescente puro, apesar das pornografias escondidas na última gaveta do guarda-roupa. Não era culpa dele se ele gostava de boceta. Era culpa de Deus. Deus fez o homem e a mulher para que trepassem e se multiplicassem. Ele frequentava a igreja. Estava na Bíblia.

Dezoito segundos. Ele vinha contando. A matemática ajudava a manter a cabeça longe do formigamento que começava a sentir na virilha. Não era certo pensar naquelas coisas ali, cercado de crianças,

as de Sabrina11 e as outras que gargalhavam das piadas sem graça do Lego Robin. Ele era chefe de família, tinha emprego fixo, filhos quase crescidos, amantes apenas ocasionais que arranjava no aplicativo e escondia com muito zelo da esposa.

O pirralho de Sabrina11, o menininho medroso que na bilheteria não largava a barra da saia da mãe, pediu o colo dela quando se assustou com um estampido nos alto-falantes. Ela sentou o caçula nas coxas e fez cavalinho com o moleque, acalentando. O assento vizinho, onde ele fingia assistir ao filme espremido entre Sabrina11 e a menina, acompanhava a trepidação suave da brincadeira mãe-e-filho. Vinte e um segundos. Qual era mesmo o nome da colega que ele encurralou no final da aula de Biologia sobre o sistema reprodutor humano? Uma loirinha, bonitinha. Ele tinha uma memória tátil dela, os peitos ainda desabrochando, mas o nome agora fugia... Joana?

Ao lado dele, a menina de Sabrina11 se preocupava com a Batgirl. Balançava as pernas ansiosas, cutucava o braço dele sem despregar os olhos da tela e sussurrava: tio, ela vai se dar mal? Ele nem conseguia responder, com medo de que a voz denunciasse o que ia na cabeça. Cravou as unhas no acolchoado da cadeira. Vinte e quatro segundos. A menina ainda cutucava o braço direito dele, Sabrina11 ainda fazia cavalinho com o menino nas coxas no lado esquerdo. Juliana! A loirinha da aula de Biologia. Lembrar o nome trouxe em detalhes a textura dos peitinhos da colega de escola, lisos, virgens, os bicos atçados quando ele

massageava a ponta. Fechou os olhos. Afundou de novo as unhas na poltrona.

Vinte e sete segundos. A menina errou a mira e cutucou o pau dele em vez do antebraço. Ele não abriu os olhos para verificar se ela tinha percebido o engano.

Trinta segundos. Será que Sabrina11 conseguia fazer aquela coçada de garganta com um pau duro dentro da boca?

Trinta e três segundos. Cacete. Estava admirado com o próprio autocontrole.

O menino avisou que precisava ir ao banheiro. Ele se ofereceu para levar a criança. Tinha que terminar o serviço em algum lugar. Se Deus não quisesse que ele sentisse tesão, não teria metido um membro cheio de vontades bem no meio das suas pernas. Não teve tempo de ajudar o menino no banheiro. Largou o pirralho perto da pia e se precipitou sozinho para dentro de um cubículo. Apoiou a mão esquerda na parede atrás da privada e com a direita libertou o membro como Deus queria. Começou agarrando os peitos de Juliana e terminou ouvindo a garganta de Sabrina11. Quando voltou com o menino para a sala de cinema, a menina avisou que estava com fome.

Depois do filme, ele comprou o McLanche das crianças.

UNS BIXO DE BLEIQUE

poemas e aforismos de **William Blake** (1757-1827)
 tradução: **Rodrigo Madeira**

O TIGRE

Tigre! Tigre! que arde aceso
 Pela noite em mato espesso.
 Que olho ou mão imortal cria
 Sua fera simetria?

De que poço fundo ou céu
 Veio o olhar de fogaréu?
 Ousa em que asas pelo ar?
 Quem tal chama ousou tocar?

Que ombro ou arte algum tendão
 Torceu em seu coração?
 Ao soar seu peito, alto,
 Houve mão forjando um salto?

Que martelo? Qual corrente,
 De que fornos sua mente?
 Qual bigorna? E qual o laço
 No terror ousa um abraço?

Quando estrelas lançam flechas
 E chorando o Céu se fecha,
 Quem o fez sorri pois vê
 O Cordeiro e então você?

Tigre! Tigre! que arde aceso
 Pela noite em mato espesso.
 Que olho ou mão imortal cria
 Sua fera simetria?

THE TYGER

Tyger! Tyger! burning bright
 In the forests of the night,
 What immortal hand or eye
 Could frame thy fearful symmetry?

In what distant deeps or skies
 Burnt the fire of thine eyes?
 On what wings dare he aspire?
 What the hand, dare sieze the fire?

And what shoulder, & what art,
 Could twist the sinews of thy heart?
 And when thy heart began to beat,
 What dread hand? & what dread feet?

What the hammer? what the chain?
 In what furnace was thy brain?
 What the anvil? what dread grasp
 Dare its deadly terrors clasp?

When the stars threw down their
 spears,
 And water'd heaven with their tears,
 Did he smile his work to see?
 Did he who made the Lamb make
 thee?

Tyger! Tyger! burning bright
 In the forests of the night,
 What immortal hand or eye
 Dare frame thy fearful symmetry?

A MOSCA

Pequena Mosca,
 Sem ter noção,
 Varreu-te a festa
 A minha mão.

E não sou eu
 Mosca sem nome?
 Ou não és tu
 também um homem?

Também eu danço
 E bebo e entoo,
 Até a mão cega
 Varrer meu voo.

Se o pensamento
 Respira e é forte
 E o pensamento
 Aspira à morte,

Alegre mosca
 Eu venho a ser,
 Se eu seguir vivo,
 Ou se eu morrer.

THE FLY

Little Fly,
 Thy summer's play
 My thoughtless hand
 Has brushed away.

Am not I
 A fly like thee?
 Or art not thou
 A man like me?

For I dance
 And drink, and sing,
 Till some blind hand
 Shall brush my wing.

If thought is life
 And strength and breath
 And the want
 Of thought is death;

Then am I
 A happy fly,
 If I live,
 Or if I die.

EM: “O CASAMENTO DO CÉU E DO INFERNO”

- Nenhum pássaro voa alto demais, se o faz com suas asas.
- O verme cortado perdoa o arado.
- O orgulho do pavão é a glória de Deus.
- A luxúria da cabra é a dádiva de Deus.
- A ira do leão é a sabedoria de Deus.
- A abelha atarefada não tem tempo para a dor.
- O pássaro, um ninho; a aranha, uma teia; o homem, amizade.
- A águia nunca perdeu tanto tempo como quando se sujeitou a aprender com o corvo.
- Assim como a lagarta escolhe as melhores folhas para pôr os seus ovos, o padre põe sua imprecação sobre as melhores alegrias.
- O rato, o camundongo, a raposa, o coelho olham as raízes; o leão, o tigre, o cavalo, o elefante olham os frutos.

★

- No bird soars too high, if he soars with his own wings.
- The cut worm forgives the plow.
- The pride of the peacock is the glory of God.
- The lust of the goat is the bounty of God.
- The wrath of the lion is the wisdom of God.
- The busy bee has no time for sorrow.
- The bird a nest, the spider a web, man friendship.
- The eagle never lost so much time as when he submitted to learn of the crow.
- As the caterpillar chooses the fairest leaves to lay her eggs on, so the priest lays his curse on the fairest joys.
- The rat, the mouse, the fox, the rabbit watch the roots; the lion, the tyger, the horse, the elephant watch the fruits.



O *Dasein* clariceano

Saul Cabral Gomes Júnior

Heidegger utiliza o termo *Dasein*¹ para denominar o *lugar* habitado unicamente pelo ser humano, o espaço em que a existência atinge o seu ápice e transmuta-se na Verdade do Ser². O *Dasein* é, em suma, a essência humana.

Nesse espaço restritamente humano, o *ser-no-mundo* se imbuí do senso de engajamento — fundamental, na concepção heideggeriana, para o autoconhecimento humano — e adquire o caráter de *ser-com-os-outros*. Daí se depreende que, para o filósofo alemão, o “voltar-se para fora” é uma condição básica para que o ser humano atinja sua essência, conforme se demonstra neste excerto: “[...] o ‘fora’ deve ser pensado como o espaço da abertura do próprio ser”³.

Segundo Heidegger, o *ser-no-mundo* é o *ser histórico*, cuja vivência se fundamenta na *con-vivência* com os outros indivíduos. A partir desse *con-viver*, compõe-se o *destino histórico*, movimento por meio do qual o ser humano se inscreve no tempo e no espaço, consumando-se como *ser-no-mundo*: “O pensamento constrói na casa do Ser. Nessa, e como tal, as junturas (*die Fuge*) do Ser dis-põem numa con-juntura, sempre de acordo com o destino histórico, a Essência do homem a morar na Verdade do Ser”⁴.

O mundo, assinalado em seu aspecto exterior, ocupa o epicentro da analítica heideggeriana e contribui essencialmente para que nela se manifeste a dimensão ôntica humana. Percebe-se tal fato ao se observar o trecho a seguir: “[...] o ‘mundo’ é, de certo modo, o além (*das Jenseitige*) dentro e para a ec-sistência. O homem nunca é homem, aquém do mundo, como um ‘sujeito’, quer se entenda sujeito como ‘eu’ ou como ‘nós’”⁵.

Assim, nota-se que a solidariedade humana é a essência do *Dasein*, estágio no qual o humano dirige sua atenção para o “fora” e nele encontra o fundamento de *ser*. Desse ponto de vista, o *ser* assume aspecto de processo

coletivo, de ato eminentemente social, cuja efetivação implica a consciência de que o humano se realiza, como *ser*, somente no âmbito da coletividade.

Essa noção de coletividade, expressa ao se praticar o compromisso com o outro, faz-se presente na escritura clariceana. Nessa, metaforicamente, alguns personagens rompem seus laços com a sociedade, na tentativa de se alçar de um meio social corrompido por discrepâncias e mesquinhas. O personagem-símbolo desse rompimento é Martim, em seu percurso de fugitivo: “Ali ele se julgaria — e dessa vez com a linguagem dos outros. Agora teria de chamar de crime o que fizera. O homem estremeceu com medo de tocar errado em si, ele que ainda estava todo ferido”⁶.

O *Dasein*, materializado no romper-se o vínculo do indivíduo às mazelas sociais, sobreleva-se, também, na obra *A via crucis do corpo*⁷, reunião de contos em que o corpo, metáfora do *desejo carnal*, converte-se no fator que determina a desvinculação entre as *personas* clariceanas e os valores sociais, nos quais se configura a metonímia da sociedade. Inicie-se tal relação de personagens com Maria Angélica (protagonista do conto “Mas vai chover”), sexagenária que se envolve com Alexandre, um jovem de 19 anos: “E tornaram-se amantes. Ele, por causa dos vizinhos, não morava com ela. Quis morar num hotel de luxo: tomava café na cama. E logo abandonou o emprego” (*A via crucis do corpo*, p. 77).

Com Maria Angélica, juntam-se as seguintes personagens principais: Madre Clara, de *Melhor do que arder* (“Madre Clara era filha de portugueses e, secretamente, raspava as pernas cabeludas. Se soubessem, ai dela.” [Op. cit., p. 72]); Leontina, de *Antes da ponte Rio-Niterói* (“A mulher teve ciúmes e enquanto Bastos dormia despejou água fervendo do bico da chaleira dentro do ouvido dele [...]. A virago, chamada Leontina, pegou um ano e pouco

de cadeia.” [Op. cit., p. 58]); Cândida Raposo — octogenária cujo desejo de prazer não passava — de *Ruído de passos* (“Teve enfim a grande coragem de ir a um ginecologista. E perguntou-lhe envergonhada, de cabeça baixa: — Quando é que passa?” [Op. cit., p. 55]); Xavier, de *O corpo* (“Todo o mundo sabia que Xavier era bígamo: vivia com duas mulheres.” [Op. cit., p. 21]); Ruth Algrave, de *Miss Algrave* (“Na segunda-feira de manhã resolveu-se: não ia mais trabalhar como datilógrafa, tinha outros dons. Mr. Clairson que se danasse. Ia era ficar mesmo nas ruas e levar homens para o quarto.” [Op. cit., p. 20]); entre outros componentes do rol de protagonistas que se deixam fascinar pela “bruta flor do querer”⁸.

Entretanto, na ficção clariceana, a melhor personificação do *Dasein* não está presente em nenhuma das duas obras mencionadas. Essa personificação é Macabéa, protagonista de *A hora da estrela*⁹. O narrador, Rodrigo S. M., explicita o caráter metonímico de Maca (como prefere chamá-la, às vezes) na passagem transcrita a seguir: “Como a nordestina, há milhares de moças espalhadas por cortiços, vagas de cama num quarto, atrás de balcões trabalhando até a estafa. Não notam sequer que são facilmente substituíveis e que tanto existiriam como não existiriam” (*A hora da estrela*, p. 14).

Macabéa pertence a uma classe social — a dos sertanejos do Nordeste — totalmente desprovida de bens materiais, à qual se impõem os males provenientes da disparidade socioeconômica. À Maca, impingem-se as condições adversas que marcam a vivência dos excluídos socialmente, conforme relata o narrador: “Limite-me a humildemente — mas sem fazer estardalhaço de minha humildade que já não seria humilde — limite-me a contar as fracas aventuras de uma moça numa cidade toda feita contra ela” (Op. cit., p. 15). Em meio a essas condições, à nordestina, não resta saída senão

isolar-se da sociedade, tornando-se uma “incompetente para a vida”: “[...] ela era incompetente. Incompetente para a vida. Faltava-lhe o jeito de se ajeitar. Só vagamente tomava conhecimento da espécie de ausência que tinha de si em si mesma” (Op. cit., p. 24).

Como se pode observar, o *Dasein* faz-se presente na ficção de Clarice Lispector. No entanto, ressalte-se que, pelas mãos da ficcionista, o *Dasein* transcende o invólucro social com que Heidegger o caracterizou. Em todas as narrativas clariceanas de cunho social, prepondera uma busca que extrapola a preocupação em denunciar as mazelas sociais: a busca do autoconhecimento. Assim, na produção literária de Clarice, o *Dasein* heideggeriano é estendido, até transpor as fronteiras do compromisso social e desembocar na imersão do *eu*.

Na filosofia de Heidegger, o *Dasein* é a amalgamação entre o *eu* e o *outro*, enquanto, na literatura clariceana, é a sobrelevação do *eu* para chegar-se ao *outro*. A partir dessa distinção, evidencia-se que há um *Dasein* propriamente clariceano, transmutado de solidariedade com os outros em autoinvestigação, para poder solidarizar-se com o *outro*, para poder chegar-se às aflições que o *eu* e o *outro* apresentam em comum, que os nivelam no árduo decorrer da existência.

Transita-se, dessa forma, do *ser-com-os-outros* ao *ser-para-os-outros*. Estabelece-se o *ser-para-os-outros*, ser que busca, por meio da autocompreensão, conhecer o *outro* e, em comunhão com ele, instituir a autêntica liberdade humana. A busca pela liberdade absoluta é a substância do *Dasein* clariceano.

[1] Do alemão, literalmente, *ser-aí*, expressão que convive, na tradução brasileira de Heidegger, com *pre-sença*. Grande parte da crítica nacional prefere conservar o termo original do alemão — atitude pela qual se optou neste ensaio — por considerá-lo intraduzível.

[2] As iniciais maiúsculas com as quais Heidegger assinala determinados vocábulos — com o objetivo de estabelecer um léxico em que sua teoria fenomenológica seja, ao máximo, fielmente representada — foram mantidas no presente ensaio.

[3] HEIDEGGER, Martin. **Que é metafísica?** Trad. de Ernildo Stein. São Paulo: Duas Cidades, 1969, p. 71.

[4] _____. **Sobre o humanismo.** Trad. de Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967, p. 90.

[5] Ibidem, p. 79.

[6] LISPECTOR, Clarice. **A maçã no escuro.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p. 129.

[7] LISPECTOR, Clarice. **A via crucis do corpo.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

[8] Metáfora presente na canção “O quereres”, de Caetano Veloso.

[9] LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela.** Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

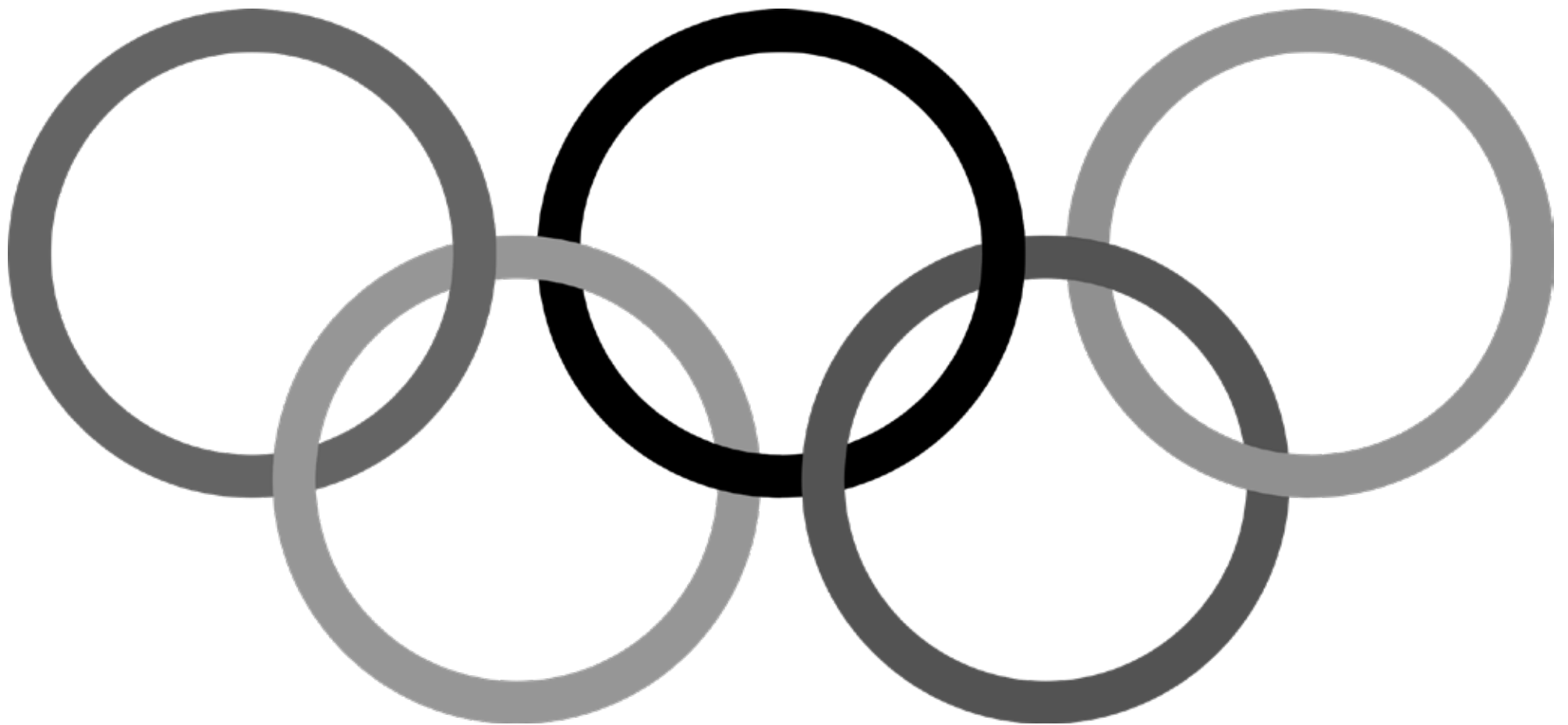


Oribê

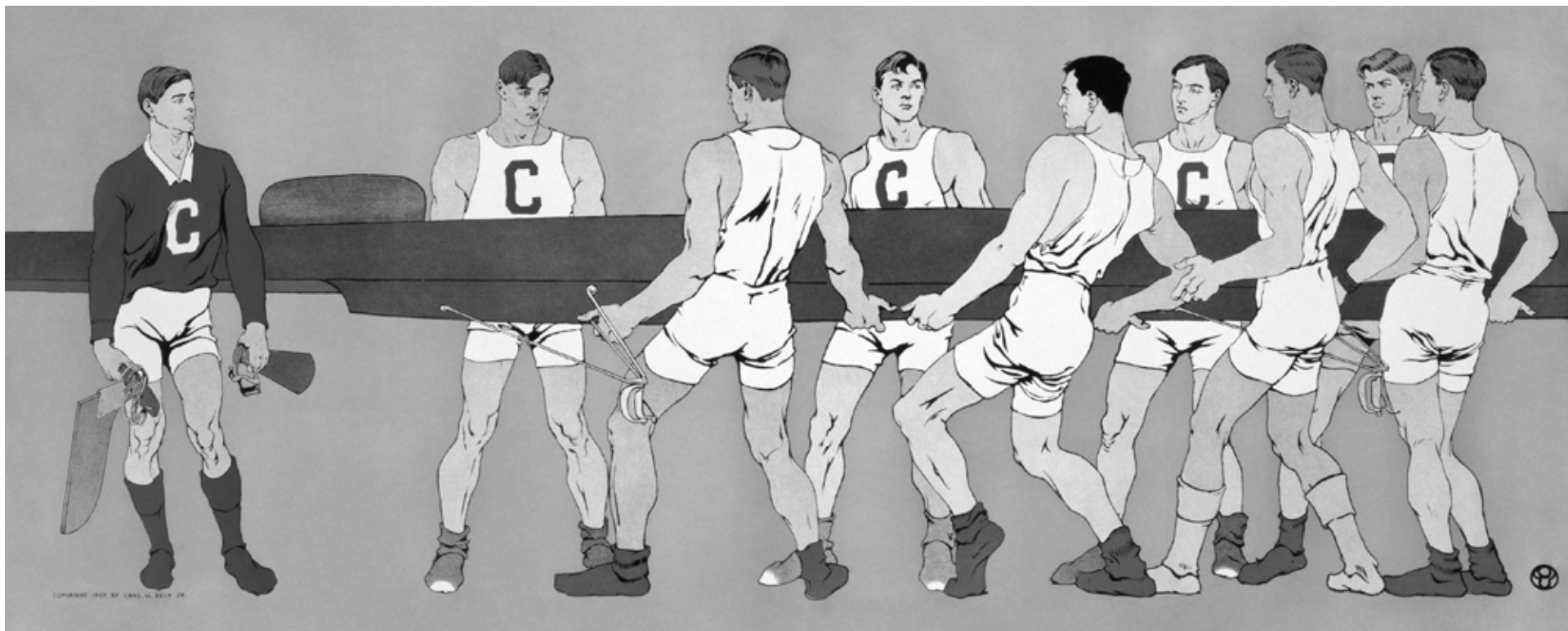
A Oribê é uma editora que também oferta cursos livres on-line nas áreas de artes, cultura, humanidades, literatura e filosofia.

Confira em:
[www.https://oribeeditorial.com/cursoslivres](https://oribeeditorial.com/cursoslivres)

OLIM-PICAS, O LADO OBSCURO DOS JOGOS OLÍMPICOS



A Olimpíada mais broxada desde aquela sediada (e infelizmente vencida) por Hitler está prestes a começar. Você não a verá, mas nós, que odiamos nossos próprios interesses, estamos empolgados como um hipocondríaco diante de um espirro. Para facilitar a sua vida, o Jornal RelevO apresenta todos os eventos que você poderá perder sem nenhum tipo de remorso ou abuso de cafeína na firma. Para tanto, entramos em contato com Keimaru Jornaru, nosso representante em Tóquio. Infiltrado no Comitê Olímpico Internacional, Keimaru nos trouxe verdadeiros furos, bombas e exclamações. Para elevar o engajamento e compensar o provável desinteresse do planeta, que segue espirrando e tossindo por motivos mais sérios, o COI promoverá as Olim-picas (Ochinko-rinpikku, uma piada traduzida nas línguas de todas as delegações participantes). Trata-se de uma espécie de enclave olímpico, com submodalidades de peso equivalente na contagem de medalhas. Vamos às melhores!



Assistir beisebol

Ainda não é hora de incluir beisebol como modalidade olímpica, muito menos como interesse cotidiano. Uma tarefa bem mais árdua que essa, porém, chega com tudo às Olimpícas: assistir beisebol. Vence aquele que aguentar mais partidas sem comer nenhum cachorro-queente. A delegação brasileira enviará a promessa Diguinho Brito, 16, 174 kg, moderador da página @PegaNoMeuTaco – a pedido dos pais do garoto.

Rinha de fã de Harry Potter

Fanfic; cosplay; franquias literária: tudo que grita “não tive amigos na adolescência” em um só evento – e valendo medalha! Nessa rinha, cada país envia seus fãs mais chatos para debater trivialidades e avaliar as diferenças entre os livros e os filmes. A aglutinação de desocupados contará com a presença do bruxo mais querido do mundo (aquele que jogou no Grêmio e no Barcelona), caso ele não esteja perdido em uma realidade paralela qualquer (ou preso).

Campeonato de croquis urbanos de personagens locais

Se você é daqueles que acham esporte uma forma de alienação e de poderio das grandes nações exploradoras, pode se entreter com um campeonato bem pouco competitivo e sem objetivos desumanos. Nas quadras do Kabukichō, diversos artistas se reunirão

no horário dos principais eventos olímpicos, como os 100 metros rasos e a final de luta greco-romana, para desenhar personagens importantes das feiras de rua, restaurantes e templos locais.

Corrida de dirigível

Olimpíada é retrô; Olimpíada é analógica; Olimpíada é *steampunk*. Para adaptar esse veículo tão associado a uma Alemanha, digamos, menos tolerante, milhares de baloeiros do mundo todo partem de Tóquio, tendo a Turquia como destino final (mas sem invadir a Polônia, sob hipótese alguma). Eles tentarão animar o céu de Istambul e melhorar a imagem do dirigível, que prepara terreno para voltar com tudo na década de 2030.

Geração de ouro (digital)

Nesse campeonato de mineração de bitcoin, vence quem comprar na baixa e vender na alta. Americanos e chineses vêm muito fortes ou muito fracos – ainda não está claro. Por sua vez, as medalhas são NFTs de outras medalhas.

Mostra paralela de imitação de comemorações

How do you do, fellow kids? Os maiores “tiktokers” adultos do mundo se reúnem para “parodiar” de uma forma muito “engraçada” as principais dancinhas “da hora” dos atletas de todas as modalidades, em especial

aqueles com mais de 23 anos e 24 tatuagens. Ganha quem “viralizar” mais com muitos “memes” divertidos! “A obsessão pelo suicídio é própria de quem não pode viver, nem morrer, e cuja atenção nunca se afasta dessa dupla impossibilidade”, Emil Cioran.

No Limite! Narradores

Com fé no péee! Você não assistirá às Olimpíadas simplesmente porque não aguenta mais os bordões dos narradores brasileiros, mas ao mesmo tempo não quer deixar a televisão silenciada e ouvir o farfalhar das suas flatulências? *Quebra o muuuuro!* Cada delegação enviará uma equipe de narradores gritalhões para berrar uns com os outros na Ilha de Okinawa. Levarão medalhas aqueles narradores que conseguirem chegar vivos em Tóquio – e com voz! *Que beleeza!*

AKIRAAA!

Juntando distopias, analogias preguiçosas com distopias e, principalmente, motos *da hora*, a modalidade Akira é muito simples: ganha o país cuja gangue de motoqueiros juvenis interromper mais eventos olímpicos “sérios”. O grupo de jurados é composto de sociólogos que não praticam esportes nem pilotam motocicletas, mas começam análises gratuitas com “não sei se vocês já leram *1984*, do Orwell, mas é *literalmente* isso”.

Bilhar bêbado, um caso de amor mundial

Muitas vezes, o que falta ao torcedor brasileiro que quer acompanhar seus talentos esportivos na madrugada é identificação (ou um emprego melhor). Como a segunda alternativa é mais complicada, a Associação Nacional de Bilhar enviou ao Japão seu trio mais ardiloso de pinguços – Zeca, Tonho e Careca – para resolver o primeiro problema. Na sinuca olímpica (“sssnucolimpca”, depois de três doses de cataia), quem passa no bafômetro é barrado da partida.

Fórmula 1 em octógono

Todos sabemos que ver carro caro andando perigosamente rápido é prazeroso, mas inapropriado para crianças, ainda mais se elas estiverem alcoolizadas e/ou dirigindo o próprio veículo. Mas e se, em vez do Lewis Hamilton conduzindo com um infante, o piloto fosse o Wanderlei Silva, vulgo Cachorro Louco, dentro de um octógono e apenas com os seus *demônios*? Nessa submodalidade, os mais caros carrinhos de todas as delegações trafegam violentamente para trazer conscientização – mas, principalmente, violência mesmo – a crianças que não precisam de CNH.

E N C L A V Ea newsletter semanal do Jornal **Relevo**

Assine e receba de graça em seu e-mail:
<https://jornalrelevo.com/enclave>

*Do you ever feel like breaking down?
 Do you ever feel out of place?
 Like somehow you just don't belong
 And no one understands you?*



*Do you ever want to run away?
 Do you lock yourself in your room?
 With the radio on turned up so loud
 That no one hears you screaming?*

*No you don't know
 what it's like
 When nothing
 feels alright
 You don't know
 what it's like
 to be like me*



*To be hurt, to feel lost
 To be left out in the dark
 To be kicked when you're down
 To feel like you've been pushed around*

*To be on the edge of breaking down
 And no one's there to save you
 No you don't know what it's like
 Welcome to my life*



Mike, a galinha sem cabeça

Era uma tarde normal em setembro de 1945 quando o fazendeiro Lloyd Olsen, planejando o jantar com sua sogra, foi ao jardim escolher uma galinha para o abate. Olsen pegou seu machado e proferiu o golpe certo no pescoço do animal. Não é incomum que, já ferida e antes de finalmente morrer, a galinha se debata por alguns minutos, mas esse caso foi diferente. A ave, passado o susto, levantou-se e continuou a caminhar como se nada tivesse acontecido.

Impressionantemente, a machadada não havia sido fatal: o tronco cerebral e uma das veias jugulares haviam sido poupados. A outra, caprichosamente, tinha formado um coágulo no local do corte, impedindo que o bicho sangrasse até a morte.

Comovido, o fazendeiro resolveu cuidar da galinha sem cabeça: alimentava-a com pequenos grãos de milho e uma mistura de leite servida diretamente ao seu esôfago por um conta-gotas. Também sugava – com o mesmo conta-gotas – o muco que a fazia engasgar. Batizou-a de **Mike, a galinha sem cabeça**. A história correu rapidamente os Estados Unidos, e Mike logo se tornou uma célebre atração de circo, fazendo exposições de Los Angeles a Phoenix, Nova York e até no Reino Unido. A galinha também ganhou espaço na mídia, aparecendo em publicações de renome como a Time e a Life.

Em março de 1947, após quase dois anos de vida miraculosa, Mike morreu engasgado com um grão de milho em um motel no Arizona. Os seus donos haviam deixado o conta-gotas no circo na noite anterior e nada puderam fazer. O legado de Mike, porém, continua vivo até hoje. Em sua homenagem, há um festival anual na sua cidade com torneios de golfe e basquete, uma corrida de 5km, competições de canto de galo, dança da galinha e de quem come mais asas de frango, além de música ao vivo e uma feira de artesanato e culinária.



Poema integrante de *Carnaval no abismo*, Munganga Edições, 2021.

MORDIDA

Gabrielle Dal Molin

morrer e não morrer
galhos da mesma semente
preciso é comer o fruto
— a pele macia do futuro



"O Arado de Odara, arrisco dizer, propõe-se a realizar um manifesto sócio-político-poético da atualidade. Maurício Simionato assopra a poeira do mundo por meio do verbo, com o olhar sensível aos detalhes presos nos fenômenos e nos acontecimentos atuais. Cada frame dessa distopia está catalogado, entrecruzado à musicalidade das movimentações – corpóreas e de pensamento – do homem",

Amanda Vital,
poeta e editora

Maurício Simionato é poeta e jornalista. Lançou os livros de poesias "Impermanência" (2012, selecionado pela Secretaria de Cultura de Campinas) e "Sobre Auroras e Crepúsculos" (2017, Multifoco), este último lançado na Bienal de Literatura do Rio/2017.

ELISA PEREIRA
Poeta e Escritora

Produtora do Sarau @fuzue_literario
Contatos:
24) 99992-5516
face: doce.poesia
instagram: @elisapereira1975
site: www.elisapereira.com.br

O paraíso é vão

Eduardo Ezus

Capítulo de Chama com dois olhos andando, a ser publicado em 2021.

A noite, densa, alta, aparece como um açoite, estalando a cada vez que abre os olhos. No automóvel, a oitenta ou cem, os postes, feito fragmentos deformados, passam rapidamente. Ele segura a direção com mãos de ferro, firmes e tensas, tanto e até uma dor percorrer o antebraço. Entre os dedos, o incenso de um cigarro antecipa o momento de uma redenção parcial, própria, dada a ele por ele mesmo, ratificada por migalhas de um discurso alheio, indireto. Invade o ar do carro, esse incenso, e o deixa incólume: cobre o cheiro do sexo não consentido, babilônico, sodomita, repugnante. Por trás da fumaça, um perfume barato encobre o odor de recantos íntimos. Misturado ao suor, seu e de um outro, a quem odeia, não obstante o procure, e nele escoo o sumo viscoso de suas perversões, desfaz-se volátil, e, juntando-se ao ar, nada mais resta de sua essência primeira.

O escuro, veloz e elástico, dura o tempo de envolver uma questão até o ínfimo. Dura o tempo necessário para revolver lembranças e fazer julgamentos; dura a sucessão dos fatos da vida; e sobra ante a grã-questão que plaina no ar: valeu a pena? Ele fecha as pestanas e lubrifica os globos, entra no escuro veloz, enquanto aguarda o sinal vermelho. A cena recente martela na escuridão: bate o rosto de um homem na lataria do carro. Nas mãos, manchas de maquiagem confundem-se ao sangue, que espria de batidas sucessivas. Abre os olhos: sinal vermelho:

/corta!/
Olhos fechados:

agora a minissaia balança no corpo de uma travesti semiacordada. Soluçando do choro e dos socos, ela em vão tenta reagir, mas a força se apaga. Ele, corpulento, está por trás, em cima dela, e soca-a, confundindo o vil com o viril. Lança mão do ódio que reprime, que tem por si mesmo: massacra o próprio desejo, sua felicidade representada. Jorra a porra no asfalto e lambuzo a mão, e dá partida ao carro, jogando, com desdém, uma nota de vinte ao chão.

Abre os olhos:

sinal verde e ele avança bruscamente, canta o pneu no asfalto irregular. Sente repulsa, pressente-se sujo: não pelo ato, mas, contrariado, porque a deseja; ela, que se apresenta tal como sente-se, e goza os perigos de apresentar-se; ela, que não tendo escolhido como nascesse, toma a vida na mão e ela mesma a guia; ela, que ultrapassa o conceito e o concreto, e, num espasmo de sublimidade, refaz a obra divina, aperfeiçoa-a, conserta-a; ela, ela que ele odeia e ama, que o devora e que quer sê-la. Abre e fecha os olhos, inúmeras vezes ainda: quer refazer o prazer, quer chegar perto de si. Por um instante, pensa que cometeu erro. Besteira! Precisa apenas encontrar a palavra para validar o ato e dormir feliz ao lado da mulher. Ele, que vara madrugadas para sustê-la; que, aos domingos, leva-a à missa e depois à feira; e ao final da tarde, tomando sorvete, assistem a um filme de comédia boba. Fez o que faria um paladino, um santo que sofre, um cura. Não, ele não precisa curar-se. Ela que sim! Ela que se ligue! Ele trabalha, e é de bem: no seu táxi, limpo, asséptico, cheirando a lavanda sintética, cumpre o dever de homem e provedor. Exalta a sua falsa ascese, regozija-se. Lembra a fala com os colegas; o presidente que vai subir e mudar a história; que vai acabar com

essa palhaçada e botar em ordem na forma justa e perfeita. Não, ele não vai sucumbir ao devaneio e à fraqueza; redimido, pecador que fora, sabe que tem o amor de Deus: vai buscar no altar o sangue de Cristo e beber a um trago só, no cálice do perdão. É bom homem, sou, sim. Sente-se firme, então. Agora, sabe o correto e foge ao caminho dos ímpios; no domingo, vai entrar com a mulher, na missa vou com ela e acender uma vela para a alma daquele excomungado. Cruzando a avenida principal, mais um sinal se fecha. Já está bem próximo ao ponto, à central de táxi, ao lado do Mercado, em frente ao Batalhão. Reconhece rostos, que saltam da escuridão: bêbados, mendigos, donos de lanchonete. Alguns metros à frente, próximo ao container de lixo, o noiadinho cutuca o chão do asfalto, Ah, fela da putinha, ha-ha-ha, noia do caraio; vendo o sinal aberto, segue, liga a seta pra esquerda e encosta o carro no rabo da fila, aonde vai aguardar a vez.



Livros novos e usados - Magic e Pokémon
HQ e Mangá - LP - CD - DVD

@lumelivraria (35) 3622-4144

Lume Livraria (35) 9 9748-8040

livraria@lumecultural.com.br

Rua Coronel Rennó, 108 - CEP: 37500-015 - Itajubá/MG (Rua da Igreja Matriz)

Carta de Luís Gama a seu filho

Luís Gama (1830 - 1882)

Meu filho, Dize a tua mãe que a ela cabe o rigoroso dever de conservar-se honesta e honrada; que não se atemorize da extrema pobreza que lego-lhe, porque a miséria é o mais brilhante apanágio da virtude.

Tu evitas a amizade e as relações dos grandes homens; eles são como o oceano que aproxima-se das costas para corroer os penedos.

Sê republicano, como o foi o Homem-Cristo. Faze-te artista; crê, porém, que o estudo é o melhor entretenimento, e o livro o melhor amigo.

Faze-te o apóstolo do ensino, desde já. Combate com ardor o trono, a indigência e a ignorância. Trabalha por ti e com esforço inquebrantável para que este país em que nascemos, sem rei e sem escravos, se chame Estados Unidos do Brasil.

Sê cristão e filósofo; crê unicamente na autoridade da razão, e não te alies jamais a seita alguma religiosa. Deus revela-se tão somente na razão do homem, não existe em Igreja alguma do mundo.

Há dois livros cuja leitura recomendo-te: a *Bíblia Sagrada* e a *Vida de Jesus* por Ernesto Renan.

Trabalha, e sê perseverante.

Lembra-te que escrevi estas linhas em momento supremo, sob a ameaça de assassinato. Tem compaixão de teus inimigos, como eu compadeço-me da sorte dos meus.

Teu pai Luís Gama.



"Dédalo é devoto de uma religião marginalizada: a ciência. Ele é um prodígio da cliodinâmica, que mistura estatística, psicologia, ciências sociais e outros saberes para prever o futuro. Quando, em seus estudos, descobre que a vida do Imperador corre perigo, acaba tragado para o centro do sujo jogo político de Nebulosa.

A história dele se entrelaça a outras três. Nas franjas desse Império interplanetário, Aurora cresceu em meio a uma infindável guerra civil e, para ajudar a mãe doente, coleta sucata nos campos de batalha. Ícaro é o filho mimado do Imperador que foge da tirania do pai e passa a viver em meio a piratas espaciais. E a família Suçarana, que costumava ser a mais poderosa do Império, tenta lidar com a decadência quando se descobre falida.

As referências vêm de muitos lugares, da Fundação de Asimov, que inspira a seita de Dédalo, ao Leopardo de Lampedusa, por trás da saga dos Suçarana. Temas como determinismo, livre arbítrio, imobilidade social, desigualdade, corrupção intrínseca ao poder, controle e opressão familiar, tão caros à realidade brasileira, são levados a um futuro distante, num épico espacial."

Nebulosa
André Cáceres
336 pg.
R\$ 45

Editora Patuá

PUBLIQUE SUAS HISTÓRIAS
PARTICIPE DE CONCURSOS
RECEBA COMENTÁRIOS
FAÇA SEU PORTFÓLIO
SEJA IMPRESSO

Faça parte da maior comunidade
de literatura do Brasil

trema.com.br

A escrita íntima de Walmir Ayala

Por Lucas Silos

Walmir Félix Ayala, nascido em Porto Alegre no dia 4 de janeiro de 1933, foi um poeta, contista, romancista, tradutor, crítico de arte, ensaísta, dramaturgo e memorialista. Aos quatro anos de idade, perdeu a mãe, morta pelo marido, em virtude de um suposto adultério. O fato marcou profundamente sua vida e inspirou um de seus mais famosos romances, *À beira do corpo*, publicado em 1964. Uma outra tragédia, muitos anos mais tarde, também lhe atingiria: perdeu seu filho adotivo, Gustavo, que cometeu suicídio em Saquarema, no estado do Rio. Viveu por muito tempo no Rio de Janeiro, onde, além de produzir diversas peças teatrais, morou com o escritor Lúcio Cardoso, de quem foi grande amigo. Além de Lúcio, Walmir manteve amizade sobretudo com três poetas que admirava: Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira. Os principais temas da sua obra literária são a morte, a religião e o amor. Em seus diários, além de tratar desses temas, Walmir, que era declaradamente homossexual, demonstra como era, para si, estar diante de uma sociedade extremamente preconceituosa, que, na época, tratava a homossexualidade como uma condição patológica. Ayala morreu em 28 de agosto de 1991, no Rio de Janeiro, acometido por um ataque cardíaco.

Trechos de *diário I. - difícil é o reino* (1962)

1-3.56 – [...] Mas sei que sofro... E por mais que se tente empanar a verdade do desajuste, eu sinto que ele existe, é tão certo e palpável como o trabalho da minha morte. Ah, falei enfim nela. É por ela que eu me salvo, porque um dia as pessoas esquecerão da minha presença física, da minha

respiração, serei como todos os mortos, cada vez mais uma sombra... No fim até castigarei a memória daqueles que ainda insistem em me reter, e também estes me porão de lado. E há de chegar o momento em que nem mais existirão os que me conheceram, nem os que conheceram os que me conheceram. Então pode ser que ainda esteja entre as criaturas o depoimento do meu remorso, e ninguém se lembrará de vociferar contra o morto. O que desespera o meu território é a resistência da minha vida. Mas estar morto será minha defesa e a minha esperança, por ela me solidarizo a todas as espécies de isolamentos que ainda pelo tempo da humanidade cravarem as almas em suas cruces múltiplas de mágoa.

20-10-56 – Apiedo-me da beleza de certas faces ambulantes (não sem um arrepio pela passagem do deus que nelas mora). Mas apiedo-me da arquitetura fictícia, da ausência de espessura nesta atitude engendrada. E não nas mulheres isto me sobressalta, pois nelas a beleza é uma obrigação, e todas se julgam o suficientemente belas para persistir, mas nos homens — neles, quando o narcisismo toma posição de privilégio, então é lamentável. É de vê-los, inteiriços na expressão, o sorriso apenas concedido ao limite de não descambar para a rudeza, o olhar sem direção, arrepanhando apenas os mal contidos sustos de quem consegue descobrir o deus oculto. Ah, quando penso na real beleza, na inconsciente beleza de quem é belo e não espera que venha a provocar com isto uma rebelião de instintos, de quem não sabe que é belo e consegue doer em nós pela realidade viva e compacta que integra. Penso nos primeiros, no desespero que os acometeria se tomassem contato com a realidade da

morte, passando, passando, suave... um pêndulo, um medidor de ambições e esperanças. Ah, o efeito destrutível desta asa inegável em belezas tão fragilmente organizadas. Estas pobres máscaras sem caule, vendíveis, vazias de si mesmas, perambulando, como cabeças imensas encimando estacas conduzidas por foliões, numa festa de tédios.

4-11-56 – A poesia é necessária para o contato do homem com o mistério que o rodeia. Este enigma a que o homem se lança, este dualismo de vida e morte entre cujos extremos tantos imprevistos florescem. Tentar retomar o poema que nos parecer mais difícil, numa hora de solidão e distanciamento, eis uma tarefa. As palavras não soarão sem significado, a mensagem, por mais hermética que nos chegue, parecerá estranha, como uma voz desconhecida, mas cujo som, inflexão e timbre, nos dizem alguma coisa. Sentimos então a alegria de que estamos caminhando para um mundo de paz, e que aquele é o idioma desconhecido pelo qual nos faremos entender entre as criaturas de boa vontade.

6-11-56 – Não se pode condenar publicamente o mau escritor amigo dos diretores de jornais, nem mesmo o amigo do diretor da página literária, dentro em pouco nem o amigo do linotipista e do caixa e do “office-boy” da redação. Neste ritmo as panelinhas se consolidam, agarram-se às escarpas da literatura e se mantêm, o suficiente para azucrinar os nossos ouvidos e maleducar o gosto público. Como se já não bastassem as imunidades políticas para reforçar a confusão ideológica da nossa vida literária.

10-12-56 – Cada dia penso: o que estou fazendo da minha vida? Em que sentido sou útil a mim e aos outros? Ainda não tenho discernimento

disso. Mas de qualquer maneira não encontro coisa mais digna para mim, mais indispensável e fatal do que escrever.

27-3-57 – Sim, reconheço a minha melancolia e meu tom elegíaco, mas não me quero amargo. Eu mesmo me chamo o poeta da morte, é meu tema constante. Mas não a vejo como prêmio nem como castigo. Situo o morto em seu clima de dignidade, de impossibilidade de ofensa, de profunda ironia pela luta que foi a vida toda. Celebro a morte não com júbilo, como quem a deseja, mas encaro a sua inevitabilidade e o possível caminho de uma melhor projeção. Não quero crer nos improváveis, mas imagino como seria se fosse, e só o imaginar constrói em mim a fé no existido. A luta começa quando saímos da infância, levando-a um pouco ao nosso lado para sempre, e termina ao atingirmos a postura definitiva. Assusta-me a dor da morte. Não quero ser um fantasista e pseudo-amante do espiritual. Amo o espiritual no homem, única forma de comunicação com o extraterreno. Temo a dor da morte, repito. Será terrível perder as criaturas do mundo, algumas tão magníficas e belas. Ah, a beleza do mundo! Na busca disso vivemos e morremos.

4-4-57 – Para mim, o poema é mais do que um registro. É como se fosse carne e sangue meus, pois representa uma emoção justificável, uma energia dispendida num momento existencial insubstituível. O livro pronto é como um filho. Provoca uma ternura, uma piedade pela fragilidade dele, e quanto mais lhe conheço os erros, mais o amo. Acho que não se pode renegar inteiramente um livro. Ficam como fotografias mal tiradas, mas preciosas.

9-5-58 – [...] Me apavora a posição indefesa da humanidade diante de

catástrofes [...] E a literatura não nos salva desta demolição estúpida de massas! A literatura não nos salva da morte, meu Deus! Num momento desses, e diante dos implicados na tragédia, a arte me parece um perfume enjoado, quase vergonhoso pela sua inutilidade. Vamos como estúpidos no estrito caminho do matadouro [...] e ainda fundamos um tempo de cantar, enquanto ao nosso lado o coro de gemidos e cérebros rompidos, as alegrias e esperanças interditas, ergue um negro dique de ironia e desprezo ante a nossa lassidão. No fundo, quem ri de nós é o nosso reflexo mesmo sobre as humanidades sacrificadas de que somos parte, continuação e projeto.

15-5-58 – Poemas traduzidos me dizem pouco, quase nada. [...] Os grandes poetas são geralmente traduzidos por poetas menores e, às vezes, por nem poetas. Resultado: perde-se a música, o ritmo emocional, a imagética, a liga metafórica. [...] Sim, a poesia quanto mais intraduzível melhor.

23-5-58 – Era de se ver, num suplemento literário, a quantidade de veneno destilado, e a qualidade. Um poeta e um comentarista, como duas harpias, dois abutres, desesperadamente ácidos contra um terceiro colaborador. É este o ambiente literário em jornal: um devorar-se mútuo pelo pedaço de carniça que é o aparecimento dominical.

1-6-58 – Meu deus, como creio na imortalidade da alma! Como creio na glória do Juízo Final! E como me esmaga a invulnerabilidade do morto, sua dimensão eterna, a única coisa que realmente satisfaz meu espírito oprimido. A vida, um exercício apenas de compreensão, de amor e de espera.

15-6-58 – (Antes de falar de amor,

quero deixar bem claro que mudarei sempre de objeto. Que não permaneço neles senão o tempo necessário para me desencantar. Eu nunca descreveria um dos meus casos sentimentais apenas, o que for verdadeiramente grande está para chegar, desconfio que estará sempre para chegar, porque o tamanho do meu coração, e seu desejo, ultrapassam qualquer fonte física de carícia e silêncio).

16-6-58 – [...] Quem se conformará de haver perdido a mocidade? Quem? Todo o resto gira em torno desta glória.

10-7-58 – Copio o último poema de Vito Pentagna, escrito no dia anterior à sua morte. Penso quando estiver eu na mesma situação, escrevendo meu último poema, conscientemente. Que palavras me acorremão? Eu chorarei como um animal à porta do matadouro, o choro dos animais é expresso num comiserado silêncio — e não será um choro covarde, antes um lamento por tudo o que deixo. Mas gostaria de me despedir de algumas pessoas, principalmente de meu pai, e dizer-lhe que vivi preocupado em construir a minha felicidade sem perturbar a dele. Mas eu não construí a minha felicidade. O que fiz foi lutar entre dois gumes de uma espada, ferindo-me de qualquer modo. O que fiz, viver sendo o fruto total de cada momento: instinto, cérebro, paixão.

14-7-58 – “Fora da linguagem não há salvação” diz Judith Grossmann. E certamente, pois a linguagem pode ser em si a assimilação das experiências de uma vida toda.

21-7-58 – [...] Minha amizade por Lúcio Cardoso é um misto de ternura, respeito, admiração e zelo. Sinto que ele precisa de mim e que lhe serei útil e fiel. Em troca beberei toda esta experiência acumulada, esta

sabedoria do mistério, este luxo, esta pompa grega de que cotidianamente se rodeia. [...] Lúcio Cardoso está irremediavelmente vinculado ao mundo que criou. Jamais vi tamanha integração, tamanha fidelidade, tão obsediante destino. Talvez isso o distancie, com vantagem e grandeza, de tantos contadores de histórias da nossa literatura. Uma coisa é criar no gabinete a sair de alma dispersa; outra, e é o caso de Lúcio, esta participação noturna, angustiada e permanente com seus seres gigantescos e sombrios.

11-8-58 – Cada dia aumenta mais a minha ternura por Lelena (Maria Helena Cardoso). Não sei como pude viver até agora sem determinadas pessoas. Era um vazão do qual nem eu me dava conta. [...] Ouvimos Vivaldi, eu e Lelena. Há no ar uma estranha vibração que me deixa crispado. Entristeço, falo e cada vez encontro mais ao lado dela a justificação da minha alma eterna. [...] Conversamos ainda: falo das vivências acumuladas em outras vidas, e da próxima onde encontraremos certamente os seres amados. Ela inventa dúvidas. Mozart toca na eletrola e eu digo: “Ouve, Mozart! É possível que tenha apodrecido em corpo e alma?” Ela sorri e eu sinto que a desarme.

22-8-58 – Num dia gris, com a alma gris, uma saudade infinita de coisas não terrenas que às vezes me parece nostalgia do ventre materno, outras vezes nostalgia de Deus, ou a mesma coisa, uma e outra, na minha constante busca de perenidade e retorno. Sim, vivo, mas esta vida minha, esta liberdade, não me proporciona uma segurança, uma adequação. Tudo é um perder-se cotidiano. Mas o essencial é que me sinto fertilizado. Crio, escrevo, me externo e isto justifica oitenta por cento da minha presença no mundo.

Imagino a angústia daquelas criaturas que não encontram uma finalidade para existir. Tenho muitos conhecidos assim, que se mutilam diariamente, sem saber porque, e justamente por não saberem porque, continuam o autoflagelo do abandono e do deboche. Eu me meti na cabeça que posso ser um escritor. E tento criar, confio nisto, naturalmente soprado por uma energia que me facilita tudo e brota de dentro do próprio sofrimento. Agora que me dei conta da história de Elias, que foi arrebatado ao céu por um carro de fogo, e que possivelmente estará vivo em algum lugar no universo, creio que este dom nos pode ser concedido. Também eu posso encontrar meu carro de fogo... Talvez a minha poesia.

10-9-58 – [...] O dinheiro, como sempre, bitola tudo. Não sei ganhar dinheiro, quase não entendo que se troque arte por dinheiro, atitude errada, mas coerente dentro de mim. Que preço há de ter um sofrimento, uma alegria, que são enfim o sangue de toda a vivência artística? [...] **19-9-58** – Quero registrar aqui que conheci um rapaz, um homossexual chamado Hector, e que sua beleza é uma graça entre os homens. Encontro-o sempre num bar e quando surge amanhece. Andando, bebendo, chorando, seduzindo, é sempre um supremo acorde, um nobre enfloramento. Gostaria de immortalizá-lo num poema, mas se o meu poema tivesse o vigor de sua verdade, seu esplendor, sua glória inescandível, deixaria de significar um reflexo dele para renascer noutra plano. Eu o chamaria pássaro Íbis, Rainha de Sodoma, Estrela da manhã, torre de marfim, e todo o nome digno de um predestinado. No íntimo é apenas um perfeito infeliz... mas dotado

de uma luz que o salva. Deus criou o homem à imagem e semelhança, principalmente Hector. Mas imagino que apodrecerá um dia, que não terei dele memória viva, e que os poucos fatalizados pela sua beleza, como eu, apodrecerão também. Mas em quantas pedras, em quantos ventos do mundo permanecerá a nota comovida de seu sangue altivo. Não, isso os vermes não destroem, o movimento de perfeição que acontece no mundo diante de tão inexplicáveis nascimentos.

13-10-58 – [...] Não é no fim da palavra que a música começa, é na glória do silêncio, no mundo subterrâneo das ideias e das sensações puras, aí tem sua realeza, sua glória, seu amor. O regresso a este mar é sempre do que carecemos depois do cansaço das outras expressões menos eficazes. Quem já penetrou este “vale” (como diria Luís Cosme) desconfio que se enfeitou irremediavelmente de verdade e de absoluto.

30-11-58 – [...] Não acho que a arte exista para deleitar. Antes, o artista é um resistente a tudo o que tenta esmagar o homem, apagar o homem através da opressão, da injustiça, da tirania. O artista deve ter uma missão de alertar, de sacudir, de não deixar a água estagnar. É um revolucionário em potencial.

12-12-58 – Que importa as coisas que passaram? Tudo se perde. Há esta consciência de fim, de morte que se aproxima, cada vez mais terrível em mim, e eu não sei se terá valido a pena tanta angústia, tanta urgência de felicidade. Ah, não tenho ninguém, propriamente, mas tenho a possibilidade de encontrar no meio da noite, alguém que me encontre e diga “que saudade de ti”, como ontem, e me dê no rosto o beijo que receberia o filho pródigo. Porque o

amor, para mim, é esta possibilidade de colher pedaços de vida dentro da vida, e justificar o tempo de respiração, de sonho, de andarilho, que é a nossa passagem rápida no mundo. [...] Admira-me da espontaneidade de certas pessoas que chegam tão simples, tão querendo confraternizar — e eu me sentindo um pequeno monstro com meu orgulho e meu egoísmo. É estranho que se tenha tamanha disponibilidade de alma chegando aos gritos, na maior fé. Eu não consigo. O amor, a amizade, o afeto, para mim dependem de uma conquista. E esta conquista começa através da beleza, das múltiplas nuances de beleza de que se pode revestir um corpo ou uma alma. Isto é, ainda, influência da minha infância solitária, de uma solidão cultivada onde eu criava meus monstros e deuses, meus códigos e leis. Procuo existir e subsistir de acordo com isso. De manhã, no banho de mar, pensei num epitáfio para mim. Seria o primeiro poema do meu primeiro livro:

*Ser como a semente
comida pelas aves antes de fecundar
e absurdamente florescida em canto depois.*

É toda a minha destinação de poeta, nutrida sob os despojos de uma fisionomia humana mal entendida por mim mesmo. Mas ainda não sei se conseguirei armar o pássaro para que o epitáfio valha. [...]

Recebo carta de O. L. irritado com a minha rebeldia em relação aos conselhos literários que me dita. Eis uma coisa de que não me curarei nunca, de espernear sempre. Escrevendo, digo as coisas que me vêm à cabeça, e o que eu preciso chamar em auxílio de mim, nestes momentos, é a minha ingênua disponibilidade.

Sinto que por carta não chegaria a um acordo com meu dialogante, pois é o reverso de mim, um precavido, cuidadoso, um empirista com paciência e vigilância. Eu me jogo a um vivo instinto, sempre munido do que a circunstância me apresenta. E é claro que escrevendo acumulo páginas (de que me acusa O.L.), pois do contrário nem saberia que escrevi. Mas posso distinguir em cada nova página um sinal de acréscimo no meu problema de auto-revelação. Não tenho a pretensão de dizer que vá revelar alguma coisa a alguém, mas a mim mesmo, e nem acredito em público. “É preciso ser entendido por uma minoria” (D. H. Lawrence) — endosso, e não nasci para ser um Jorge Amado. Diz O. L., ainda, que as solicitações podem perturbar o trabalho. Mas desde que a solicitação entra para o trabalho, passa a fazer parte da criação, não deixa de ser o momentâneo, o circunstancial, para perenizar-se? O artista tem a obrigação de expressar com maestria, isto sim. E para mim esta maestria é sobretudo uma forma, e uma forma adquirida através de exercício, de muitas a muitas páginas acumuladas ou abolidas. Faço, com confiança absoluta, e com total entrega, o roteiro imprevisível que cada vez mais me fixa. O. L. acha que a arte salva o mundo, eu acho que só salva a mim. [...]

Os parentes falam, em carta, da minha infância e eu estremeço, não ousa recompô-la. Não tive a tranquilidade e a paz de espírito, a inocência, das crianças em geral. Foi tudo como num pesadelo em que eu estava só e indefeso. Foi sempre esta solidão, esta sensação de desamor, achando que tudo era pecado, que a minha alma estava perdida. (Ah, esta terrível educação católica!). E os recalques, e a vergonha de ser.

Hoje estes conceitos se clarificaram, se equilibraram dentro de mim. Há sempre no fim o mistério da morte que sintetiza tudo.

E o pecado? Haverá pecado? Para mim, o pecado é tudo aquilo que ofende a natureza humana em si, sobretudo o que escandaliza os inocentes, o pecado é indução à vergonha por intermédio dos nossos atos, é o sofrimento moral que possamos causar com o nosso livre arbítrio. Todas as ações que escolho para me solucionar, e que só a mim tocam, por mais perigosas que sejam, não podem ser pecados. E a Igreja, por seu corpo imediato de doutrina, empedra tudo — até um mau pensamento é pecado, e cingem o mau pensamento a um limite tão restrito que quase todo o pensamento resulta mau.

REFERÊNCIAS

AYALA, **Walmir**. **Diário I. difícil é o reino**. 1. ed. São Paulo: Grd, 1962. 137 p., v. 1.

HOBLICUA. Especial Walmir Ayala. **Maquiné**: N° 5, 2018.

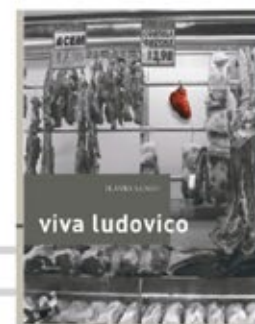
MOREIRA, Daniel da Silva. **Escritas de si e homossexualidade no Brasil**: os diários de Lúcio Cardoso, Walmir Ayala e Harry Laus. Orientador: Jovita Maria Gerheim Noronha. 2017. 319 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.

agora (depois) (Autografia) pode ser adquirido com o autor (R\$35, com frete — thassioescritor@gmail.com)

Cantar o amor é uma predestinação dos poetas. Quando o amor acaba, o poeta corre o risco de cantar ainda mais – e melhor. No seu 30 livro — *agora (depois)* — Thássio Ferreira faz mais do que poetizar dores de uma relação amorosa. Expõe de forma corajosa o vazio desse não-lugar que ocupamos quando não mais pertencemos a outrem (e nem quiçá a nós mesmos).

Christovam de Chevalier

Thássio Ferreira é poeta e ficcionista, ganhador do Prêmio Manaus 2020, OffFlip 2019 e colunista mensal na revista www.viciovelho.com



Flávio Sanso

Aos açougueiros deveria ser garantido o direito a tratamento psicológico. Por que não? Lidam com a matança em série, produzem a carnificina em estado bruto. Já não parece motivo suficiente? É que a prática reiterada torna os nervos acostumados. Mas eis que durante o procedimento de abate, o açougueiro retratado nestas páginas encara o enorme animal pendurado e, num rompante de sensibilidade, é acometido pelo surto que o empurra para dentro de um turbilhão de acontecimentos insólitos. A partir daí é só alvoroço. Não é para menos, levando em conta a improvável convivência que se dá entre o açougueiro e Ludovico, criatura pródiga em espalhar transformações por onde atravessam suas passadas planejadas e elegantes que avançam como se acariciando o solo. Esta é mesmo uma história de transformações. E de sentimentos vibrantes, de ânimos despertados. E também de vida ou morte, mais vida do que morte, na medida em que conforme Ludovico vai teimando em se manter vivo, o sentido das coisas ao redor, até então sempre muito imperceptíveis, vai ganhando colorido de revelação. Viva Ludovico.

Para mais detalhes, acesse flaviosanso.com



Estes Itinerários — 20 livro de Thássio Ferreira, vencedor do I Concurso Literário Editora UFPR — estão organizados numa espécie de trívio, encruzilhada para se perder, errar a esmo, como quem afirma sem medo: “quero a loucura”. Nessa estrada do nada ao nada, onde o que mais importa é desandar, fica muito claro como “as margens dos caminhos / são mais seguros passos / que os caminhos mesmos”. Porque muita coisa aqui se encontra: ribeirinhos, índios, plantas, bichos, pais e filhos, dilemas da linguagem, metapoesia como sistema de pensamento, amor e delírio, mas tudo em constante hesitação (e sinto que Thássio não hesitaria em grafar hesitância). Ele bem compreende: “só o poema / sabe, mas não / me diz”.

Guilherme Gontijo Flores

Itinerários (Ed. UFPR) pode ser adquirido com o autor (R\$35, com frete — thassioescritor@gmail.com) ou baixado em PDF gratuitamente no site da editora (www.editora.ufpr.br/produto/327/itinerarios)



“Deus não gosta das vociferações e dos discursos violentos — salvo daquele que foi ofendido”, diz o Alcorão (4: 148). Mas Deus existe? E o que é uma vociferação? E um discurso violento? E o que significa ser ofendido? Ao abordar essas e outras perguntas, FGAM, a segunda coletânea de poemas de Felipe G. A. Moreira (doutor em filosofia pela Universidade de Miami com sanduiche na Universidade de Bonn), retrata: um tipo que se autointitula Deus à la Jesus ou Charles Manson (e.g., “Sobre a morte de FGAM”, “Sequestro Público da Senhorita Saúde”, “Ozymandias”, “O crucificado...”); um homem abusivo que se acha abusado ou vice-versa ou que procura justificar o aparentemente injustificável (e.g., “Chuck Traynor”, “José Sarney”, “Eu sou o homem ambíguo...”, “Eurico Miranda...”); uma mulher (e.g., “Harley Quinn”, “Eva Braun”, “Camilla Parker Bowles...”) ou mesmo uma criança (e.g., “Macaulay Culkin”) abusada, abusiva e/ou que tem uma concepção alternativa de amor; uma pessoa deprimida (e.g., “Pessoa deprimida...”, “Veneza...”); uma pessoa que nem sabe muito bem quem ela é (e.g., “XXY”) ou se ela é louca (e.g., “Lavanderia”); uma pessoa racista (e.g., “Rio de Janeiro”, “José Dirceu”) ou terrorista (e.g., “Abdelhamid Abaaoud”) só que não só que sim só que, etc. Em suma, estão dizendo que FGAM é imperdível! Site para compra: <https://www.editorapatua.com.br/>.

Contato: www.felipegamoreira.com

Baudelaire

Jean-Paul Sartre

Segundo trecho traduzido por Mikael Abrão-Bombassaro

*Je suis la plaie et le couteau
Et la victime et le bourreau¹*

Deste modo os suplícios imitam a possessão: tendem a engendrar uma carne por baixo de seus dedos — sua própria carne — para que na dor se reconheça sua. Fazer sofrer é possuir e criar, tanto como destruir. O laço que une mutuamente a vítima e o torturador é sexual. Mas em vão tenta trazer para a sua vida íntima esta relação que só tem sentido entre pessoas distintas, transformar em faca a consciência reflexiva, em ferida a consciência refletida; de certa maneira, são uma coisa só; UM não pode amar-se nem odiar-se, nem torturar-se; vítima e torturador se desvanecem na indistinção total quando, por meio de um único ato voluntário, um reclama e o outro inflige a dor. Por um movimento inverso, mas que conspira o mesmo sentido, dissimuladamente, Baudelaire querera se tornar um cúmplice de sua própria consciência refletida contra a sua própria consciência reflexiva: quando cessa de martirizar-se é porque trata de assombrar-se. Fingirá uma espontaneidade desconcertante, simulará o abandono aos impulsos mais gratuitos para se erguer de improviso ao seu próprio olhar, como um objeto opaco e imprevisível, em uma palavra, como *Outro* distinto de si mesmo. Se conseguisse, a metade da tarefa estaria cumprida: poderia gozar de si. Mas ainda é apenas UM com aquele que ainda quer surpreender. É pouco dizer que adivinha seu projeto antes de concebê-lo: prevê e mede a sua surpresa, corre atrás de seu próprio assombro sem nunca alcançá-lo. Baudelaire elegeu se ver como se fosse outro — e sua vida é somente a história desse fracasso.

Apesar dos truques que enumeraremos em seguida e que teceram a figura que Baudelaire adotou para os nossos olhos para

sempre, ele bem sabia que o seu famoso olhar é apenas UM com o objeto olhado, que não chegará jamais à posse verdadeira de si mesmo. Se entedia, e este Tédio, “bizarra sensação [de tédio] que é a fonte de todas as [suas] doenças e de todos os [seus] miseráveis progressos”², não é um acidente nem, como afirma às vezes, o fruto de sua “incuriosidade” enfiada: é o puro “tédio de viver” que fala Valéry, é o gosto que o homem necessariamente tem de si mesmo, o sabor da existência.

*Je suis un vieux boudoir plein de roses
fanées,
Où gît tout un fouillis de modes surannées,
Où les pastels plaintifs et les pâles Boucher
Seuls, respirent l'odeur d'un flacon
débouché³.*

Este odor débil, que sai de um frasco destapado, não obstante obsessivo, percebido, suave, terrivelmente presente, é o melhor símbolo da existência *para-si* da consciência; também o tédio é um sentimento metafísico, a paisagem interior de Baudelaire e a matéria de suas alegrias, seus furores e suas penas. E este é um novo avatar: obcecado pela intuição de sua singularidade formal, compreende que é esta a sorte de cada um; então se empenhou no caminho da lucidez para descobrir sua natureza singular e o conjunto de traços que poderiam torná-lo o mais insubstituível dos seres; mas não encontrou no caminho o seu traço particular, apenas os modos indefinidos da consciência universal. Orgulho, lucidez, tédio são apenas um: nele, e para seu pesar, é a consciência de todos e o que se capta e se reconhece de cada um.

Agora, bem; a consciência se apreende primeiramente em sua inteira gratuidade, sem causa e sem objeto, não criada, injustificável, sem

outro título para a existência que é feita somente do que já existe. Não poderia encontrar fora de si pretextos, desculpas ou razões de ser, pois nada pode existir para ela se primeiramente não se faz consciente, não há sentido além do que ela concede. Daí, em Baudelaire, a tão profunda intuição de sua inutilidade. Veremos, mais adiante, que a obsessão pelo suicídio é, para ele, um meio melhor de proteger a sua vida do que findá-la. Mas se tantas vezes pôde encarar o suicídio é porque se sentia um homem demais: “*Me mato* — escreve em sua famosa carta de 1845 — *porque sou inútil para os outros e perigoso para mim mesmo.*”

E não se deve acreditar que se sente inútil porque é um jovem burguês sem profissão, sustentado, aos 24 anos, por sua família. É o contrário: se não arrumou uma profissão, se se desinteressou de antemão de toda empreitada, é porque mediu sua inutilidade radical. Em outras épocas escreverá orgulhosamente: “ser um homem útil sempre me pareceu algo muito horrível”. Mas a contradição procede das mudanças de humor: seja acusado ou seja elogiado, o que conta é esse desprendimento constante e originário. Aquele que quer ser útil deve seguir o caminho contrário: vá do mundo à consciência, parta de alguns sólidos princípios morais ou políticos dados como absolutos e se submetta a eles primeiro; apenas se considere a si mesmo, alma e corpo, como certa coisa no meio das outras, submetida a regras que não foram encontradas apenas por si, como um meio de realizar certa ordem. Mas se primeiro se degustou até a náusea esta consciência sem rima nem razão, que deve inventar as leis das quais se quer obedecer, a utilidade perde toda a significação; a vida já não é apenas um jogo, o ser humano deve escolher o seu próprio objeto, sem mandato, sem aviso prévio, sem conselhos. E quem advertiu uma vez a verdade de que

não há outro fim, nesta vida, além do proposto deliberadamente, já não tem tantas ganas de buscar-se.

A vida — escreve Baudelaire — tem apenas um encanto verdadeiro: o encanto do Jogo. Mas, e se nos é indiferente ganhar ou perder? Para crer em uma empreitada é preciso se lançar de antemão, se interrogar sobre os meios de levá-la para um bom término, não sobre o seu fim. Para quem reflete, toda empreitada é absurda: Baudelaire se empapou nesta absurdidade. De repente, por uma mixaria, um desapontamento, uma fadiga, descobre a solidão infinita dessa consciência “vasta como o mar” que é A consciência e a SUA consciência ao mesmo tempo, compreende sua incapacidade para encontrar limites, sinais, lemas fora dela. Então se torna flutuante, se deixa sacudir por essas ondas monótonas; em um desses estados, escreve a sua mãe:

“o que sinto é um imenso desânimo, uma sensação insuportável de isolamento... uma ausência total de desejos, uma impossibilidade de encontrar qualquer diversão. O estranho êxito do meu livro e o furor por ele provocado me interessaram por pouco tempo, e depois voltei a cair.”

É o que ele chama de sua preguiça. Que tem um aspecto patológico... De acordo. Que se parece muitíssimo a certos transtornos que Janet reuniu com o nome de psicastenia... Creio também. Mas não se pode esquecer que os enfermos de Janet, à mercê de seus estados, têm um tanto de intuições metafísicas que o humano normal se empenha em ocultar. O motivo e o sentido dessa preguiça é que Baudelaire não pode levar a sério suas empreitadas: muitas vezes percebe que jamais se encontra o que nelas se colocou.

Porém, é preciso agir. Se por um lado é a faca, o puro olhar contemplativo que vê desfilar as ondas da consciência reflexa é também, ao mesmo tempo, a ferida, a própria série de ondas. E sua posição reflexiva é em si um desgosto da ação, abaixo, em cada uma das pequenas consciências efêmeras que reflete, é ato, projeto, esperança. De modo que não há como concebê-lo como um quietista, mas sim como uma sucessão infinita de empreitadas instantâneas, imediatamente desarmadas pelo olhar reflexivo, como um mar de projetos que morrem assim que aparecem, como uma perpétua espera, um perpétuo desejo de ser outro, de estar em outra parte. E não me refiro aqui apenas aos expedientes inumeráveis mediante os quais intenta, nervosa e precipitadamente, um pagamento, arrancar uns centavos de sua mãe, um avanço a Ancelle, senão também a esses projetos literários que arrastou vinte anos consigo, obras de teatro, críticas, *Mon cœur mis à nu*, sem levá-los nunca ao término. A forma de sua preguiça é às vezes o embotamento, mas com mais frequência uma agitação febril, estéril, que se sabe vã e envenenada por uma lucidez implacável; sua correspondência o mostra como uma formiga que, obstinada em escalar uma parede, sem trégua cai e volta a subir. É que ninguém conheceu como ele a inutilidade de seus esforços. Se funciona, é — disse ele — por explosão, por sacudida, quando consegue por um minuto enganar a sua lucidez... “há naturezas puramente contemplativas e absolutamente impróprias para a ação que, porém, por um impulso misterioso e desconhecido, funcionam às vezes com uma rapidez que elas mesmas se acreditariam incapazes... [essas almas] incapazes de realizar as coisas mais simples e mais necessárias, encontram em certo momento uma coragem de luxo para executar os atos mais absurdos e mais perigosos”⁴. [...]

Baudelaire: o homem que sente o abismo. Orgulho, fastio, vertigem: se vê até o fundo do coração, incomparável, incomunicável, incriado, absurdo, inútil, abandonado em um isolamento total, suportando somente o seu próprio fardo, condenado a justificar sozinho a sua existência e escapando sem cessar,

deslizando de suas próprias mãos, retraído na contemplação e, ao mesmo tempo, lançado fora de si para uma infinita perseguição, para um abismo sem fundo, sem paredes e sem trevas, mistério em plena luz, imprevisível e perfeitamente conhecido. Mas, para sua desgraça, sua imagem segue escapando. Buscava o reflexo de certo Charles Baudelaire, filho da generala Aupick, poeta endividado, amante da negra Duval: seu olhar encontrou a condição humana. Essa liberdade, essa gratuidade, esse abandono medonho, são a sorte de todo homem, não a sua particular. É possível *tocar-se, ver-se* alguma vez? Essa essência fixa e singular que busca, talvez só apareça aos olhos dos outros. Talvez seja absolutamente necessário estar *por fora* para captar os próprios caracteres. Talvez *UM não* seja para si mesmo à maneira de uma *COISA*. Talvez *UM não* seja em absoluto: sempre em questão, sempre em adiamento, talvez *UM se faça* perpetuamente. Todo esforço de Baudelaire consistirá em ocultar estes pensamentos desagradáveis. E posto que sua “natureza” lhe escapa, vai tratar de agarrá-la nos olhos dos outros. Sua boa-fé lhe abandona, deve trabalhar sem término para se convencer, deve intentar captar os seus próprios olhos; aos nossos olhos — mas não aos seus — aparece um novo rasgo de sua figura: é o homem que tendo experimentado sua condição de homem, com paixão, tentou se ocultar.

REFERÊNCIAS

- [1] L'Héautontimorouménos, Les fleurs du Mal, Spleen Et Ideal.
- [2] Le Joueur Génereux, Le Spleen De Paris (poemes em prose).
- [3] Spleen (J'ai plus de souvenirs que si j'avais mille ans), Les fleurs du Mal, Spleen Et Ideal.
- [4] Le Mauvais Vitrier, Le Spleen De Paris (poemes em prose).

LETRAS
contos

A LIBERDADE É AMARELA E CONVERSÍVEL

André Giusti



2ª edição

Na saída da curva, apertou de vez o acelerador e o motor encheu novamente. O ponteiro do conta-giro subiu trazendo de volta com ele o vento indomado da velocidade. A liberdade é amarela e conversível, foi o átimo de poesia que lhe veio à cabeça. Sorriu com gosto. Não tivesse as mãos ao volante, anotaria a frase para que depois de sua morte os netos a encontrassem em papel envelhecido dentro de um livro e a creditassem a autor desconhecido.

(61) 992842845
www.7letras.com.br

@editora7letras | 7letraseditora | @editora7letras



O que quer o público de teatro?

Teatros pequenos transformam contextos periféricos?

Existe pureza em atuação?

Disponível em versão impressa e digital

www.afonsoilson.com



"Em *Quem sou eu: meu epitáfio*, Mayara Lima é humana e artista; procura esclarecer sua própria identidade em versos, encontrando-se em meio às inúmeras facetas experienciadas pelo ser humano na construção de sua identidade. Ora real, está no mundo da literariedade, e é comerciante, psicóloga, doadora de livros para bibliotecas; ora figurada, flutua no ar da linguagem poética e é metamorfose, contradição e contemplação."

Analice Chaves, poeta

Adquira seu exemplar em
www.e-galaxia.com.br/produto/quem-sou-eu-meu-epitafio



Terror de te amar

Sophia de Mello Breyner Andresen

Terror de te amar
num sítio tão frágil como o mundo

Mal de te amar neste lugar de imperfeição
Onde tudo nos quebra e emudece
Onde tudo nos mente e nos separa.

Que nenhuma estrela queime o teu perfil
Que nenhum deus se lembre do teu nome
Que nem o vento passe onde tu passas.

Para ti eu criarei um dia puro
Livre como o vento e repetido
Como o florir das ondas ordenadas.